

Democracia e socialismo em Rosa Luxemburgo

ISABEL MARIA LOUREIRO*

Rosa Luxemburgo, defensora intransigente da democracia como valor universal - eis a imagem frequentemente apresentada desta revolucionária judia polonesa do começo do século que conseguiu reunir em torno da sua herança uma surpreendente unanimidade, quer contra, quer a favor. Interpretações unilaterais de suas idéias tornaram-na objeto da admiração tanto de liberais e social-democratas quanto de comunistas.

Os primeiros, ao reduzirem seu pensamento político à famosa fórmula lapidar da "liberdade é sempre a liberdade dos que pensam de maneira diferente", utilizaram-no como arma contra o bolchevismo, criando assim uma dicotomia entre democracia e ruptura revolucionária - de um lado, o luxemburguismo democrático, defensor da democracia como fim em si, de outro o autoritarismo bolchevique, segundo o qual a democracia não passaria de instrumento para se chegar ao socialismo. Os comunistas da RDA, por sua vez, em polêmicas infundáveis contra as leituras "democratizantes" de Rosa, procuraram apoderar-se dela e aprisioná-la na armadilha dos que "pensam da mesma maneira". Procurarei mostrar, analisando a idéia de democracia, a originalidade do seu pensamento, que não se deixa prender nem nos esquemas social-democratas, nem nos bolcheviques (1).

A noção de democracia em Rosa Luxemburgo está intrinsecamente ligada às idéias de ação autônoma e de experiência das massas. Mas como a sua teoria política, que nada tem de sistemático, é elaborada no diálogo com a conjuntura, em artigos para jornais e revistas social-democratas, quase sempre em polémica com os adversários, é preciso, ao procurarmos sistemati-

* Professora do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp (Marília).

1. Este artigo retoma idéias expostas no meu livro *Rosa Luxemburg, os dilemas da ação revolucionária*. São Paulo, Editora, Unesp, 1995.

zar suas reflexões a respeito da democracia, mostrar em que situação concreta elas foram elaboradas. Caso contrário cairíamos em abstrações sem sentido.

A idéia de ação autônoma das massas começa a ficar em primeiro plano a partir da revolução russa de 1905, quando Rosa te matiza a greve de massas. No seu texto *Greve de massas, partido e sindicatos* ela quer mostrar, contra as direções dos sindicatos e do partido social-democrata na Alemanha, que a greve de massas, tal como foi posta em prática na revolução russa, não é uma tática contrária à luta quotidiana e parlamentar, mas precisamente o meio de criar condições para a conquista de direitos políticos, fundamentais para a emancipação dos trabalhadores alemães.

Rosa mostra, na sua análise, que a história da revolução russa e a história da greve de massas se confundem. Greve de massas, para dizer tudo em poucas palavras, é sinônimo de ação revolucionária, na qual não há distinção nítida entre reivindicações econômicas e políticas. Em análise detalhada do movimento grevista na Rússia, ela mostra como reivindicações econômicas desembocam em reivindicações políticas e vice-versa, num movimento circular.

E o que é mais importante nesta análise - a consciência de classe é muito mais fruto da ação espontânea das massas que da educação do partido. Muito mais, porém não exclusivamente. Os dois pólos estão sempre presentes na análise, como momentos de uma mesma totalidade - as massas elementares, desorganizadas, inconscientes ao entrarem espontaneamente em ação criam respostas inesperadas aos problemas postos pela conjuntura, respostas que nem a teoria, nem o partido haviam previsto. Só que o papel do partido, apesar de secundário nesta peça, não deixa de existir. O partido é de certa maneira o elemento introdutor da razão, é aquele que detém a teoria sobre o desenvolvimento do capitalismo (e sobre o conseqüente papel revolucionário do proletariado).

Quero frisar com isto que nas análises de Rosa há sempre unidade entre necessidade histórica - as "leis de bronze" do desenvolvimento capitalista, descobertas por Marx - e ação revolucionária inesperada, a "ação audaz" de Lassalle. Rosa não é uma determinista *tout court* (como pensam muitos de seus críticos), nem uma espontaneísta *tout court* (como supõe uma leitura anarquizante de seus escritos), mas *dialética*.

Só que nesta dialética, nesta busca de síntese entre os dois pólos de uma totalidade, dependendo da conjuntura, Rosa dá mais peso à ação das massas que à teoria, ao partido. É o que podemos perceber na mencionada análise da revolução russa de 1905.

Que lições tirar dos acontecimentos na Rússia que contribuem para elaborarmos a noção de democracia em Rosa? A primeira delas é a de que a consciência de classe funda-se na ação das massas contra a ordem estabelecida e, por isso mesmo, os operários russos, atrasados e instintivos, conseguiram num curto espaço de tempo ultrapassar os alemães, politicamente educados pelo partido e pelos sindicatos, mas presos a reivindicações imediatas dentro da legalidade.

Em segundo lugar, ao dar às massas desorganizadas, isto é, ao instinto de classe um papel central, Rosa mostra-as como o elemento livre da história, não tendo uma dependência imediata da *Aufklärung*, do partido e da "ciência" marxista. Ou seja, *ao mesmo tempo* em que aparecem ligadas à "lógica do processo histórico objetivo", elas inventam, são autônomas, criadoras, livres. Liberdade e democracia mantêm assim uma relação intrínseca com o conceito de massas. Este é um fio condutor do seu pensamento político que permanece até o fim, como veremos.

E uma última lição: a consciência brota da espontaneidade, indo, ao mesmo tempo além dela, num processo de educação ininterrupta. O partido é resultado das lutas espontâneas e se alimenta delas. Só assim, nessa circularidade, não há o risco da ruptura entre a classe e o elemento político ativo, a vanguarda. Numa situação revolucionária - a da Rússia em 1905 - , o papel do partido "não consiste em comandar arbitrariamente, mas em adaptar-se à situação o mais habilmente possível, mantendo o mais estreito contacto com o moral das massas"(2). Ou seja, em plena revolução, o partido deve exprimir a posição do proletariado na luta, ser "'porta voz"' intérprete da vontade das massas"(3).

Portanto, é preciso matizar a opinião corrente não só a respeito do determinismo, mas também do espontaneísmo de Luxemburgo. Durante muito tempo, ela foi acusada de subestimar o papel do partido e de exagerar os fatores objetivos da história. Esse seria o principal traço do "luxemburguismo". Mas, mesmo em *Greve de massas*, considerada a Bíblia do espontaneísmo, o partido, embora não tenha por função desencadear a ação revolucionária - resultado de um complexo conjunto de fatores "econômicos, políticos e sociais, gerais e locais, materiais e psíquicos" (4) -, uma vez começada a revolução, deve dar-lhe conteúdo político e palavras de

2. Rosa Luxemburgo. *Gesammelte Werke*2. Berlim, Dietz Verlag, 1981, p.132 (doravante GW2).

3. Idem, p.170.

4. Idem, p.132.

ordem corretas. O partido tem um papel na revolução, mas comparado com o das massas, é um papel secundário.

Exploremos agora a idéia de experiência das massas, para podermos encontrar todas as determinações da noção de democracia no pensamento político de Rosa. Para isso, precisamos mais uma vez nos reportar à conjuntura.

A partir de 1914, há uma guinada no pensamento de Rosa. O viés determinista que por vezes aparecia é profundamente abalado com a adesão da social-democracia e dos proletariados nacionais à guerra imperialista. Numa época de crise para o socialismo, como foram os anos da primeira guerra mundial, época de refluxo dos ideais revolucionários, a "experiência histórica" passa a ser fundamental. É preciso que as massas tomem consciência e façam a crítica de seus erros e ilusões para que a humanidade se emancipe. Em 1914, esses erros e ilusões consistiam na adesão à guerra imperialista e no conseqüente abandono do programa internacionalista da social-democracia. Escreve Rosa:

"Os seus erros [do proletariado] são tão gigantescos quanto as suas tarefas. Não há esquema prévio, válido de uma vez por todas, não há guia infalível para lhe mostrar o caminho a percorrer. A experiência histórica é seu único mestre. O caminho espinhoso da sua autolibertação não só está juncado de sofrimentos sem limites, mas também de inúmeros erros. (...) A moderna classe operária paga caro toda compreensão da sua missão histórica. O Gólgota da sua libertação está pavimentado de terríveis sacrifícios. (...) Parecemo-nos verdadeiramente com aqueles judeus que Moisés conduziu através do deserto. Mas não estamos perdidos e venceremos, se não tivermos desaprendido a aprender" (5).

Alguns dos temas caros à dialética aparecem nesta passagem: a experiência que leva à perda dolorosa das ilusões, absolutamente necessária na constituição de um sujeito revolucionário autônomo, consciente; a idéia de que o "falso" é um momento do "verdadeiro", de que a verdade só é alcançada passando pelo erro; a metáfora da viagem (judeus através do deserto). Ou seja, a idéia é a de que o proletariado se tornará livre quando numa dolorosa viagem de descoberta, aprendendo com sua própria experiência, disser adeus às ilusões. Nisso consistirá o fim da alienação.

N a época da guerra, que ilusões teriam de ser perdidas? Pensa Rosa que as massas deixarão de apoiar a social-democracia majoritária (o que não ocorreu), que se oporão paulatinamente à guerra à medida em que o conflito, tornando-se cada vez mais bárbaro e sem saída, levar à extrema miséria material e à morte em massa na frente de batalha (o que acabou acontecendo). A partir de 1914, chocada com o chauvinismo das massas proletárias (e das suas direções), mas não abrindo mão do objetivo final socialista, acredita que

5. GW 4, pp. 53, 62-3.

esse desvio será passageiro. A alienação é vista por ela como momento necessário no processo de constituição de uma classe operária consciente, alienação de que se libertará por conta própria, se der ouvidos à experiência histórica. Nada mais dialético e nada mais democrático. Vejamos porquê.

A concepção democrática de socialismo de Rosa assenta-se na seguinte idéia: as massas incultas, despolitizadas alcançam a consciência pela sua própria experiência, na ação, vista por ela como cheia de virtudes criadoras. Aliás, ela toca aqui num tema fundamental para a esquerda hoje, ao enfatizar que as massas desorganizadas - os "excluídos" - precisam ser incorporadas ao movimento socialista, caso contrário não é possível pensar uma alternativa ao sistema produtor de mercadorias.

Por apostar no socialismo como resultado da criação livre das massas, entregues às suas próprias experiências, numa relação recíproca de aprendizagem com o partido é que Rosa diverge de uma concepção vanguardista e autoritária da política. Vejamos como essa idéia é formulada numa passagem do seu famoso opúsculo *A Revolução Russa*, em que critica os bolcheviques por pretenderem instaurar o socialismo por decretos, eliminando assim a democracia:

"O sistema social socialista não deve e nem pode ser senão um produto histórico, nascido da própria escola da experiência, nascido na hora da sua realização, resultando do fazer-se da história viva que, exatamente como a natureza orgânica, da qual faz parte em última análise, tem o belo hábito de produzir sempre, junto com uma necessidade social real, os meios de satisfazê-la, ao mesmo tempo que a tarefa a realizar, a sua solução. E assim sendo, é claro que o socialismo, por sua própria *natureza*, não pode ser outorgado nem introduzido por decreto. (...) Só a experiência é capaz de corrigir e de abrir novos caminhos. Apenas uma vida fervilhante e sem entraves chega a mil formas novas, improvisações, mantém *a força criadora*, corrige ela mesma todos os seus erros. Se a vida pública dos Estados de liberdade limitada é tão medíocre, tão miserável, tão esquemática, tão infecunda é justamente porque, excluindo a democracia, ela obstrui a fonte viva de toda riqueza e de todo progresso intelectual (6)".

Tracemos um paralelo entre este texto, escrito no outono de 1917 logo após a vitória dos bolcheviques, e a seguinte passagem de uma carta a Sonia Liebknecht, de dezembro do mesmo ano, escrita da prisão:

Como é estranho eu viver sempre numa alegre embriaguês, sem razão particular. Assim, por exemplo, aqui estou deitada, nesta cela escura, num colchão duro como pedra, enquanto à minha volta, no edifício, reina a habitual paz de cemitério; acreditar-se-ia estar no túmulo; através da janela desenha-se no teto o reflexo do bico de gás ardendo a noite inteira diante, da prisão. De tempos em tempos ouve-se o barulho de

6. Rosa Luxemburgo. *A Revolução Russa*. Petrópolis, Vozes, 1991, p.92 (doravante, *RR*).

se o barulho surdo de um trem que passa ao longe ou então, bem perto, sob as minhas janelas, o pigarro da sentinela que, com suas botas pesadas, dá alguns passos lentos para desentorpecer as pernas. A areia estala tão sem esperança sob esses passos, que todo o vazio e a falta de perspectivas da existência ressoam na noite úmida e sombria. E aqui estou eu deitada, quieta, sozinha, enrolada nos véus negros das trevas, do tédio, da falta de liberdade, do inverno – e, apesar disso, meu coração bate com uma alegria interior desconhecida, incompreensível, como se, sob um sol radiante, estivesse atravessando um prado em flor. No escuro, sorrio à vida, como se eu conhecesse algum segredo mágico que pune todo o mal e as tristes mentiras, transformando-os em luz intensa e em felicidade. E, ao mesmo tempo, procuro uma razão para esta alegria, não encontro nada, e tenho que sorrir novamente – de mim mesma. Acredito que o segredo não é outro senão a própria vida; a profunda escuridão noturna é bela e suave como veludo, basta somente saber olhar. No estalar da areia úmida sob os passos lentos, pesados da sentinela canta também uma bela, uma pequena canção da vida – basta apenas saber ou vir (7).

Deixando de lado o fato de, na prisão, em virtude do isolamento, Rosa apegar-se fortemente à vida como a uma tábua de salvação, observe-se como as metáforas da carta podem ajudar-nos a explicar as idéias do texto: a vida, assim como a "dialética histórica", por alguma espécie de segredo mágico, transforma o negativo em positivo. O vazio, a falta de perspectivas, a noite úmida, sombria, o negro, as trevas, o tédio, a prisão, o inverno, o mal, as mentiras, numa palavra, tudo que pode prejudicar ou mesmo mutilar a vida, viram alegria, sol radiante, prado em flor, veludo. Na mesma carta, ainda usa a metáfora "chave mágica", em outras, "varinha mágica".

No caso do socialismo, o que transforma o negativo em positivo, isto é, o que permite passar do capitalismo ao socialismo é a experiência, a história viva que, comparada à natureza orgânica, e também possuidora de algum segredo mágico, faz com que as soluções sejam encontradas, tão logo os problemas são postos. Em outras palavras, a vida, englobando a experiência, a ação, a luta – processo dialético incluindo erros, ilusões e derrotas –, constitui a "varinha mágica" permitindo às massas inconscientes, incultas, classe em si, elevarem-se à consciência, à cultura, à razão, ou seja, tornarem-se classe para si, saírem da alienação.

A idéia de que a história cria uma necessidade e ao mesmo tempo a sua solução já estava no Marx do *Prefácio à crítica da economia política*, embora ali não houvesse nenhum paralelo com a natureza. Se Rosa compara natureza e história não é visando qualquer "dialética da natureza", mas para evidenciar o que há de comum nas duas: a vida e, conseqüentemente, o finalismo:

7. Carta a Sonia Liebknecht, anterior a 24 de dezembro de 1917. In *Gesammelte Briefe*, V. 5. Berlim, Dietz Verlag, 1984.

assim como na natureza uma certa necessidade produz um órgão ou uma função, também na história um problema cria necessariamente uma resposta, justamente porque há sentido na história. Esse finalismo, entretanto, só ocorre no plano mais geral da filosofia da história. Em outras palavras, o socialismo como objetivo final *a priori*, quer dizer, o determinismo, encontra-se aqui presente. Porém, num plano mais específico, diretamente político, não há finalismo, pois a autora afirma explicitamente não existirem respostas prévias, dadas de antemão por um programa, para os problemas práticos postos no dia a dia da criação do socialismo.

O programa, a teoria indicam apenas medidas "de caráter sobretudo negativo", como a supressão da propriedade privada. "Em contrapartida, nenhum programa socialista, nenhum manual de socialismo podem indicar de que tipo serão as milhares de medidas concretas, práticas, grandes e pequenas, que é preciso tomar a cada passo para introduzir os princípios socialistas na economia, no direito, em todas as relações sociais."⁸ Essas medidas concretas resultam da ação quotidiana da classe que, não podendo ser codificada, carece da mais ampla liberdade para se exprimir.

Vemos assim Luxemburgo identificar as noções de "dialética histórica" e "vida", o que por sua vez nos conduz ao fundamento do seu socialismo democrático: as massas, vivendo as suas próprias experiências, encontram soluções inesperadas exigidas pelas circunstâncias imediatas e, nesse processo, tornam-se livres, conscientes. A palavra vida remete neste contexto à criação, à espontaneidade, ao instintivo, ao ativo em oposição ao codificado, ao mecânico, ao abstrato, ao rígido, ao passivo, ao burocrático, numa evidente crítica à social-democracia e ao bolchevismo. "dialética histórica" e "vida" significam portanto criação do novo, intrinsecamente ligada ao momento revolucionário, traduzida na greve de massas e mais tarde nos conselhos.

Nessa perspectiva, a noção de vida para Rosa é tão somente uma metáfora para traduzir, sob um duplo aspecto, a "dialética histórica": primeiro, aponta a teleologia existente na história e, segundo, indica o processo de desalienação das massas mediante a sua própria experiência. Aliás, esta segunda idéia, responsável pelo fascínio exercido por Rosa sobre a esquerda fora dos partidos comunistas, tem um sentido polêmico bem claro: opôr-se ao burocratismo, às normas rígidas, aos esquemas prévios, aos decretos, quer referindo-se à Alemanha, onde predominam a paralisia e as "boas maneiras" do proletariado, quer à Rússia, que corre o risco de se transformar na ditadura do partido sobre a classe.

8. RR, p. 91-2.

Por isso, polemizando com os bolcheviques, insiste tão enfaticamente, em *A Revolução Russa*, que a realização do socialismo exige democracia, isto é, "vida política das massas", "ativa", "enérgica" - "a única fonte viva a partir da qual podem ser corrigidas as insuficiências congênitas das instituições sociais"⁹ - "vida pública", "fonte da experiência política", "opinião pública", "espaço público (10)", liberdades democráticas. O que, na situação concreta da Rússia, em fins de 1917, significava sovietes como espinha dorsal, mais Constituinte e sufrágio universal (11).

A vontade enérgica do partido revolucionário, que ela exalta nos bolcheviques, não bastava para instaurar o socialismo. Este é fruto da experiência proletária, as soluções surgem junto com os problemas, desde que as massas, nas suas múltiplas formas de manifestação e organização, tenham inteira liberdade para apresentá-las, discuti-las, escolher o caminho apropriado, aprendendo com os próprios erros. Só com liberdades públicas poderia o "povo" formar-se politicamente, adquirindo autonomia intelectual e moral, pré-requisito imprescindível para a "prática do socialismo [que] exige uma transformação completa no espírito das massas, degradadas por séculos de dominação da classe burguesa (12)". A ação livre das massas é, por um lado, pré-condição da democracia socialista - o oposto da dominação de um único partido que, para ela, conduzirá inevitavelmente à burocratização e ao estio lamento da vida pública, inclusive nos sovietes. Por outro, a única possibilidade de uma vida emancipada.

Isto posto, uma coisa precisa ficar clara - se a democracia tem como fundamento a ação livre das massas, há um elo indissolúvel entre democracia, revolução e socialismo. Revoluções, pensa Rosa com toda razão, são fenômenos altamente democráticos, justamente por consistirem na participação de amplas massas populares procurando rapidamente transformar a ordem constituída e instaurar a igualdade econômica, política e social - isto é, uma verdadeira democracia - o que, no seu entender, é incompatível com o capitalismo. Ou seja, Rosa não confunde democracia com regime parlamentar, nem com sufrágio universal convivendo com a ordem econômica capitalista. Tanto que no programa da Liga Spartakus escreve:

9. *RR*, pp.87-8

10. *Idem*, p.93

11. *Idem*, p.90

12. *Idem*, 11.92

"Não há democracia quando o escravo assalariado se senta ao lado do capitalista, o proletário agrícola ao lado do *junker*, numa igualdade falaciosa, para debater seus problemas vitais de forma parlamentar" Y O que não implica rejeitar as liberdades burguesas, mas "incitar a classe operária a não se contentar com o invólucro, incitá-la a conquistar o poder político para preenchê-lo com um conteúdo social novo (14)". Ou seja, a verdadeira democracia (não à maneira liberal-democrática) exige o socialismo e vice-versa. Socialismo e democracia determinam-se reciprocamente.

Quando Rosa critica os bolcheviques por dissolverem a Assembléia Constituinte, não o faz em nome da defesa da democracia como valor universal mas por pensar que a democracia e a liberdade são necessárias para que haja vida em todos os organismos representativos dos trabalhadores, tanto o parlamento, quanto os sovietes. Liberdade e democracia são vitais para as massas poderem agir com autonomia, fazerem as suas próprias experiências e aprenderem com elas. Por isso diz numa frase lapidar: "os erros cometidos por um movimento operário verdadeiramente revolucionário são, do ponto de vista histórico, infinitamente mais fecundos e valiosos que a infalibilidade do melhor 'comitê central (15)'".

Não podemos esquecer que um pouco mais tarde, no decorrer da revolução alemã, quando o problema da oposição conselhos/Assembléia Nacional foi posto pela conjuntura, Rosa defendeu calorosamente os conselhos (por serem organismos democráticos de base da classe trabalhadora) contra a AN. Entretanto, quando venceu a proposta de AN, para evitar cair num esquerdismo infantil, ela passa a defender a participação dos comunistas nas eleições.

No discurso feito no Congresso de fundação do KPD (final de dezembro de 1918), explica que em virtude da "imaturidade das massas, que até agora ainda não souberam levar à vitória o sistema conselhistas, a contra-revolução conseguiu erigir contra nós, como um bastião, a AN. Agora o nosso caminho passa por esse bastião. (...) Precisamos mostrar às massas que não há melhor resposta à resolução contra-revolucionária contra o sistema conselhistas do que realizar uma poderosa manifestação dos eleitores, precisamente elegendo pessoas que são contra a AN e a favor do sistema conselhistas (16)".

13. Idem, p.1 05.

14. Idem, p.95-6.

15. Idem, p.59.

16. Intervenções de Rosa Luxemburgo no congresso de fundação do Partido Comunista Alemão. In Loureiro, I. M., Vigevani, T. (org.) *Rosa Luxemburg. a recusa da alienação*. São Paulo, Editora da Unesp, 1991, p.13-4.

Deixando de lado oscilações táticas conjunturais - defesa da convivência entre Assembléia Constituinte e soviets, defesa dos conselhos contra a Assembléia Nacional - que dependem de uma análise concreta da correlação de forças na conjuntura, como poderíamos sintetizar a concepção socialista democrática de Rosa Luxemburgo?

Resumidamente poderíamos dizer que quando ela define, contra as medidas autoritárias dos bolcheviques, a liberdade como a "liberdade dos que pensam de maneira diferente" isso não significa uma volta ao liberalismo, mas um elemento fundamental para a constituição de um "espaço público proletário" (Negt) onde não há "o mecanismo de exclusão, típico da esfera pública burguesa, mediante o qual se excluem dos interesses públicos, enquanto privadas, tanto algumas esferas essenciais da vida quanto esferas como a da produção e da socialização (da educação) (17)".

Nesse EPP o proletariado faz os mais variados tipos de experiências, que tanto podem encarnar-se no partido, quanto nos sindicatos ou nos conselhos. Para Rosa, não há uma forma única de organização dos trabalhadores, rigidamente determinada, em que a consciência de classe estaria para sempre representada, pois a luta de classes, no seu movimento incessante, leva a contínuas modificações das formas organizatórias.

Com a revolução alemã, democracia socialista, para ela, passa a significar concretamente *governo conselhista*. Os conselhos, organismos de base eleitos pelos operários e soldados, de acordo com o programa da Liga Spartakus, seriam a nova forma de poder estatal a substituir "os órgãos herdados da dominação burguesa (18)", isto é, "parlamentos e conselhos municipais (19)". "Os conselhos devem ter todo o poder no Estado", devem ser "o único poder público (20)".

Os conselhos devem ter funções políticas e econômicas, é o que explica o programa da Liga Spartakus. Através dos conselhos, "a grande massa trabalhadora deixa de ser uma massa governada" - eis a "essência" do socialismo - passando a autodeterminar-se no plano político. Essa idéia é assim explicitada: "devemos solapar o Estado burguês a partir da base, não separando por todo lado os poderes públicos, a legislação e a administração,

17. Negt, Oscar. "Rosa Luxemburg e a renovação do marxismo". In Hobsbawm, E. (org.) *História do marxismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, v.3.

18. RR, p.102.

19. Idem, p.107.

20. Intervenções de Rosa Luxemburgo, p. 35.

mas unindo-as, pondo-as nas mãos dos COS (21)". No plano econômico, o objetivo é que os operários alcancem primeiro "o controle e, finalmente, a direção efetiva da produção" ou, em outras palavras, que as massas, em vez de instrumento da produção, se tornem "dirigentes autônomas desse processo, livres, que pensam (22)". Nesse sentido, Rosa opõe-se à idéia do socialismo como estatização dos meios de produção *sem controle* dos trabalhadores, caminho para uma inevitável burocratização.

Os conselhos, além de instrumentos de mudança política e econômica, seriam também instrumento de mudança cultural da sociedade, ou seja, levariam a uma superação das formas burguesas de consciência. As massas aprenderiam "autodisciplina", "verdadeiro senso cívico", senso da "coletividade", qualidades que constituem o "fundamento moral da sociedade socialista, assim como estupidez, egoísmo e corrupção são os fundamentos morais da sociedade capitalista (23)".

Em suma, democracia socialista significava, naquele contexto, autogoverno das "massas populares", o que incluiria todos os segmentos da população, exceto a burguesia ou, na excelente definição de Mário Pedrosa, "todos os que trabalham e não exploram trabalho alheio (24)".

Rosa Luxemburgo não teve tempo de teorizar sobre os conselhos. As poucas e genéricas indicações a respeito encontram-se no *Programa da liga Spartakus* e no *Discurso sobre o programa*, conforme acabamos de ver. Mas, apesar disso, a sua idéia do socialismo enquanto autodeterminação dos trabalhadores em todas as esferas da vida - não apenas estatização dos meios de produção -, como alternativa radical à dominação capitalista, fez dela um símbolo da luta anticapitalista e antiburocrática para o movimento estudantil de 68.

Uma das razões para isso reside no fato de que os conselhos representavam uma *possibilidade concreta* de realizar a sociedade socialista democrática pois, ao exercerem simultaneamente funções legislativas e executivas, eliminava-se a separação entre dirigentes e dirigidos, base do autoritarismo e da burocracia, além de "mola mestra da exploração e da dominação no capitalismo contemporâneo (25).

21. RR, p. 34.

22. Idem, p.1 02.

23. Idem, p.1 03.

24. "Vanguardas, partido e socialismo", *Vanguarda Socialista*, 9 de agosto de 1946.

25. M. Chauí. Democracia e socialismo: participando do debate. In: *Cultura e democracia*, São Paulo, Moderna, 1981, p.134.

Era também em nome das idéias democráticas e libertárias de Rosa que a oposição na antiga RDA saía às ruas contra o regime burocrático ali existente. Estes dois momentos políticos de oposição simbolizam a trajetória das idéias políticas de Rosa que, derrotadas na realidade, acabaram sobrevivendo como fonte de inspiração viva e luminosa em pequenos grupos de resistência à vida reificada, quer nos países capitalistas, quer nos "comunistas".

Tentando sintetizar o seu ideal de socialismo democrático, pode-se dizer o seguinte. Para Rosa, só em épocas de ruptura histórica a democracia se instaura verdadeiramente: quando amplas massas, anteriormente vítimas de um destino incontrolado, passam a se autodeterminar no plano político, econômico e cultural, conquistando direitos antes negados, é que uma alternativa à sociedade capitalista começa a esboçar-se.

Preservar esse "espaço público proletário", formado no bojo da revolução, é para ela *conditio sine qua non* da difícil construção do socialismo. Se a democracia for suprimida, existirá apenas uma vida política aparente em que "a burocracia subsiste como o único elemento ativo (26)" e nesse caso teremos, não o socialismo, mas a ditadura do partido sobre a classe, perigo para o qual Rosa advertiu profeticamente.

Se, por um lado, Rosa Luxemburgo não é defensora da democracia como valor universal, insistindo veementemente na necessidade de distinguir entre o "núcleo social e a forma política da democracia burguesa", ou seja, na necessidade de desvendar "o áspero núcleo de desigualdade e de servidão sociais escondido sob o doce invólucro da igualdade e da liberdade formais (27)", por outro também não rejeita a democracia formal- ela pretende tão somente que os trabalhadores no poder lhe dêem "um conteúdo social novo (28)", o que implicaria na efetiva igualdade de todos os homens.

Como quer sua amiga e biógrafa Henrieue Roland-Holst, Rosa sempre distinguiu entre a "cultura" burguesa, com suas idéias de justiça e igualdade e a "civilização" capitalista. Para ela, a revolução proletária, ao emancipar o homem alienado do capitalismo, seria o meio de realizar concretamente os ideais universais burgueses que haviam permanecido abstratos, entre eles o de democracia.

Sendo uma "socialista entre o oriente e o ocidente", Rosa Luxemburgo revela um pensamento político original ao buscar a conciliação entre o ímpeto revolucionário dos russos e o respeito pela democracia dos social-de-

26. RR, p.94.

27. Idem, p.95.

28. Idem, p.95-6.

mocratas alemães. É precisamente a idéia de sociedade socialista democrática como criação autônoma das massas tomadas conscientes na ação, que foi usada como bandeira de luta, tanto do lado de cá, quanto do lado de lá do Muro de Berlim.

Democracia, revolução e socialismo - eis o tripé em que se assenta a teoria política de Rosa Luxemburgo. Transformá-la numa democrata *a la* Kautski, que queria a democracia sem o socialismo, revela apenas a indigência intelectual, moral e política deste nosso triste fim de século.

LOUREIRO, Isabel Maria. Democracia e socialismo em Rosa Luxemburgo. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.4, 1997, p.45-57.

Palavras-chave: Democracia; Socialismo; Rosa Luxemburgo.